

“Medidas do FMI são recessivas”

“As medidas recessivas recomendadas pelo Fundo Monetário Internacional não são interessantes nem eficazes para os países em desenvolvimento, como o Brasil. A saída para esses países passa, necessariamente, pela retomada do crescimento.” O comentário foi feito na última terça-feira à noite, em São Paulo, pelo empresário e escritor francês Maurice Lauré, enquanto autografava seu último livro “A reconquista da esperança”.

Nessa obra, Lauré aponta impasses no sistema econômico internacional e as dificuldades a serem superadas para que se crie uma nova ordem econômica mais estável. Examina as possibilidades de adoção de um novo Plano Marshal, aplicado entre 1948 e 1952 para recuperar a economia mundial, abalada pela Segunda Guerra. Lauré é formado em engenharia de telecomunicações pela Politécnica de Paris, especialista em direito e finanças e criador do sistema de imposto sobre valor agregado, adotado pelos países membros do Mercado Comum Europeu. Nos últimos anos foi presidente do Banco do Estado do Marrocos, diretor do Crédit National e do Société Générale.

Para o próximo ano, Lauré prevê uma reativação da economia nos países industrializados mas receia que a recuperação não traga benefícios para os países em desenvolvimento. Os riscos de marginalização do processo de recuperação econômica, segundo ele, ameaçam principalmente os países que enfrentam elevadas despesas com o pagamento de juros sobre a dívida externa. Por esse motivo, o autor de “A reconquista da esperança”, defende uma renegociação mais ampla da dívida externa brasileira para que o País possa reativar a economia.

No último capítulo de seu livro, Lauré apresenta como “chaves da esperança” o combate ao egoísmo a nível nacional e internacional: “São egoístas aqueles que se recusam a aderir a uma ação conjunta para conter o movimento dos preços e dos salários reais. São egoístas as nações que, face aos problemas da energia, concentram seus meios na competição e os recusam à cooperação. O que é ganho por uns é perdido por outros”. Ele conclui que o bem-estar da humanidade tornou-se uma questão de cooperação internacional.